

Especial

A Copa é feita de encontros

Para o estudante Bernard Naves, de 22 anos, o silêncio após a eliminação do Brasil ainda está vivo na memória. “Eu estava em um bar assistindo ao jogo e, quando acabou, ficou aquele silêncio. Depois fui para casa e tentei nem pensar muito no assunto, porque realmente me magoou bastante.”

Apesar de continuar acompanhando o Mundial, ele admite que a emoção já não é a mesma. “Sou apaixonado por futebol, mas não tem nem metade da emoção que tinha com o Brasil na disputa. Existia toda aquela esperança do hexa, e isso fazia toda a diferença”, lamenta.

Assim como os amigos, Bernard também havia feito planos especiais para a decisão. Com passagens compradas para o Rio de Janeiro, imaginava comemorar a classificação brasileira justamente na véspera de seu aniversário. “Seria uma comemoração inesquecível.”

Mesmo viajando, ele diz que acompanhará a final apenas como espectador. “Vai ser um grande jogo, mas não chega nem perto da emoção que seria ver o Brasil disputando o título”, afirma.

A maior lembrança desta Copa, para ele, não foi uma vitória, mas o retorno de Neymar à Seleção. “Como santista e brasileiro, foi muito especial vê-lo novamente em uma Copa. Também me marcou a forma como ele encarou a eliminação, brigando por cada lance. Ao mesmo tempo, ficou a tristeza por provavelmente ter sido sua despedida em Mundiais.”

O analista de vendas Paulo Berberick, de 28 anos, também acredita que o vazio começou antes mesmo da final. “Na verdade, ele vem quando o Brasil é eliminado. É uma sensação estranha, difícil de explicar. Depois disso, é aceitar e voltar à rotina.” Mesmo assim, acompanhará a decisão. “É uma final de Copa do Mundo. Acontece apenas de quatro em quatro anos”, justifica.

Sua imagem mais marcante do torneio também envolve Neymar. “O pênalti cobrado por ele foi muito simbólico. Independentemente do resultado, talvez tenha sido seu último gol com a camisa da Seleção em uma Copa.”



Fotos: Arquivo pessoal



Ana Clara Neves acompanhou a maior parte dos jogos da Copa do Mundo

Para a estudante Ana Clara Neves, de 23 anos, o Mundial também reorganizou completamente a rotina. “Eu deixava a televisão ligada praticamente a tarde toda enquanto fazia minhas atividades. Acabei abrindo espaço na agenda para acompanhar os jogos”, destaca.

Ela acredita que a Copa perde parte do encanto quando o Brasil fica pelo caminho. “O legal é sair, se arrumar e encontrar amigos e familiares para assistir aos jogos”, pontua. Mesmo assim, acompanhará a final. “É um evento muito importante. Ver a felicidade de outros países conquistando um título também emociona.”

Sua principal lembrança, no entanto, aconteceu longe das quatro linhas. “No intervalo do jogo entre Brasil e Japão, minha prima contou para toda a família que estava grávida. Foi um momento que nunca vou esquecer”, conta.

Quando o futebol encontra a vida

Entre todos os entrevistados, talvez ninguém represente melhor o alcance mundial da Copa do que Swata Mabanza. Nascido na República Democrática do Congo e morador de Brasília há 10 anos, ele acompanhou o torneio dividido entre dois países do coração.

A seleção africana voltou a disputar uma Copa do Mundo após 52 anos de ausência, mas acabou eliminada pela Inglaterra ainda no mata-mata. Pouco depois, veio a queda brasileira. “Desde que Congo e Brasil foram eliminados, senti que a competição perdeu intensidade.”

Ele conta que havia planejado grandes comemorações caso qualquer uma das duas seleções surpreendesse. “Seriam dias de festa com os amigos. O Congo talvez não chegasse ao título, mas sonhava pelo menos com uma campanha histórica”, lembra.

Agora, o que permanece é outra sensação. “Quando a Copa terminar, vou sentir falta daquela rotina de ter jogo todos os dias. Acho que vou precisar de alguns dias para entender que realmente acabou”, destaca. Sua lembrança mais forte será justamente a campanha congoleesa. “O jogo contra a Inglaterra ficará marcado para sempre. Foi quando acreditamos que poderíamos fazer história.”

Muito além dos 90 minutos

Para os especialistas, essa sucessão de histórias mostra que a Copa raramente é apenas sobre futebol. Ela reúne famílias que vivem em cidades diferentes, cria tradições entre amigos, movimenta bares, muda horários de trabalho, inspira viagens e produz memórias que atravessam gerações. “O torneio funciona como uma grande experiência coletiva”, resume a psicóloga Cheila Alves Dias. “Independentemente do resultado, ele fortalece vínculos humanos e cria lembranças compartilhadas.”